

**INCLUSÃO OU OMISSÃO DA *LECTIO KHPYΞAI* E SUAS
IMPLICAÇÕES TEXTUAIS NO *CORPUS HERMETICUM* 4.3-6a**

David Pessoa de Lira (UFPE)
lyrides@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva explicar acerca das variantes a favor da inclusão e a omissão da palavra *κηρύξαι* no texto proposto por Nock e Festugière (N.-F.), a fim de compreender as razões que conduziram Nock a optar a favor da inclusão de *κηρύξαι* no *Corpus Hermeticum* 4.3-6a. Para isso, convém esclarecer os dados no aparato de N.-F., verificando a atestação de *lectiones* dos manuscritos. Pressupõe-se que se deve avaliar a qualidade, quantidade e idade dos manuscritos que atestam (ou não) as *lectiones* de *κηρύξαι*. Só a partir daí, pode-se definir, por meio de extensão ou dificuldade das *lectiones*, qual delas configura a leitura mais próxima da original. Por último, convém ponderar acerca dos resultados das avaliações e propor a leitura que melhor configura o texto do *Corp. Herm.* 4.3-6a com a finalidade de garantir o aporte de tradução. Por fim, defende-se que, diante das evidências externas e internas, no presente artigo, a omissão da palavra *κηρύξαι* tende a ser mais original.

Palavras-chave:

Manuscritologia. *Corpus Hermeticum*. Crítica Textual.

ABSTRACT

This article aims to explain the variants in favor of inclusion and the omission of the word *κηρύξαι* in the text proposed by Nock and Festugière (N.-F.), in order to understand the reasons that led Nock to opt for inclusion of *κηρύξαι* in *Corpus Hermeticum* 4.3-6a. For this, it is convenient to clarify the data in the apparatus of N.-F., verifying the attestation of *lectiones* of the manuscripts. It is assumed that the quality, quantity and age of the manuscripts that attest (or not) the *lectiones* of *κηρύξαι* must be evaluated. Only thence, can it be defined, through the length or difficulty of the *lectiones*, which one configures the reading closest to the original one. Finally, it is worth considering the results of the evaluations and proposing the reading that best configures the text of the *Corp. Herm.* 4.3-6a in order to guarantee the translation contribution. Finally, it is argued that, given the external and internal evidence, in this article, the omission of the word *κηρύξαι* tends to be more original.

Keywords:

Manuscriptology. *Corpus Hermeticum*. Textual Criticism.

1. Introdução

3 τὸν μὲν οὖν λόγον, ὃ Τάτ, ἐν πᾶσι τοῖς ἀνθρώποις ἐμέρισε, τὸν δὲ νοῦν οὐκέτι, οὐ φθονῶν τισιν· ὁ γὰρ φθόνος οὐκ ἔνθεν ἔρχεται, κάτω δὲ συνίσταται ταῖς τὸν νοῦν μὴ ἐχόντων ἀνθρώπων ψυχαῖς. – Διὰ τί οὖν, ὦ πάτερ,

οὐ πᾶσιν ἐμέρισε τὸν νοῦν ὁ θεός; – Ἥθελησεν, ὃ τέκνον, τοῦτον ἐν μέσῳ ταῖς ψυχαῖς ὡσπερ ἄθλον ἰδρῦσθαι. **4** – Καὶ ποῦ αὐτὸν ἰδρῦσατο; – Κρατῆρα μέγαν πληρώσας τούτου κατέπεμψε, δοῦς κήρυκα, καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ κηρύττειν ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε· βάπτισον σεαυτὴν ἢ δυναμένη εἰς τοῦτον τὸν κρατῆρα, ἢ πιστεύουσα ὅτι ἀνελεύθη πρὸς τὸν καταπέμψαντα τὸν κρατῆρα, ἢ γνωρίζουσα ἐπὶ τί γέγονας, ὅσοι μὲν οὖν συνήκων τοῦ κηρύγματος καὶ ἐβάπτισαντο τοῦ νοῦς, οὗτοι μετέσχον τῆς γνώσεως καὶ τέλειοι ἐγένοντο ἄνθρωποι, τὸν νοῦν δεξάμενοι·

ὅσοι δὲ ἤμαρτον τοῦ κηρύγματος, οὗτοι μὲν οἱ λογικοὶ, τὸν νοῦν μὴ προσεληφότες, ἀγνοοῦντες ἐπὶ τί γέγονασιν καὶ ὑπὸ τίνων, **5** αἱ δὲ αἰσθήσεις τούτων ταῖς τῶν ἀλόγων ζώων παραπλήσιαι, καὶ ἐν θυμῷ καὶ ὀργῇ τὴν κρᾶσιν ἔχοντες, οὐ θαυμάζοντες [οὐ] τὰ θέας ἄζια, ταῖς δὲ τῶν σωματίων ἡδοναῖς καὶ ὀρέξεις προσέχοντες, καὶ διὰ ταῦτα τὸν ἄνθρωπον γεγονέναι πιστεύοντες, ὅσοι δὲ τῆς ἀπὸ τοῦ θεοῦ δωρεᾶς μετέσχον, οὗτοι, ὦ Τάτ, κατὰ σύγκρισιν τῶν ἔργων ἀθάνατοι ἀντὶ θνητῶν εἰσι, πάντα ἐμπεριλαβόντες τῷ ἑαυτῶν νοῖ, τὰ ἐν γῆς, τὰ ἐν οὐρανῷ, καὶ εἰ τί ἐστιν ὑπὲρ οὐρανῶν· τοσοῦτον ἑαυτοὺς ὑψώσαντες, εἶδον τὸ ἀγαθὸν καὶ ἰδόντες συμφορὰν ἠγήσαντο τὴν ἐνθάδε διατριβὴν· καταφρονήσαντες πάντων τῶν σωματικῶν καὶ ἀσωμάτων ἐπὶ τὸ ἐν καὶ μόνον σπεύδουσιν. **6** αὕτη, ὦ Τάτ, ἡ τοῦ νοῦ ἐστὶν ἐπιστήμη, τῶν θείων ἔντορία†, καὶ ἡ τοῦ θεοῦ κατανόησις, θείου ὄντος τοῦ κρατῆρος. (HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 1, p. 50-51)⁴⁰

O presente artigo objetiva elucidar acerca das variantes a favor da inclusão e da omissão da palavra *κηρύττειν* no texto proposto por Nock e Festugière (N.-F.), a fim de compreender as razões que conduziram Nock a optar pela inclusão de *κηρύττειν* no *Corpus Hermeticum* 4.3-6a. Para is-

⁴⁰ *Corp. Herm.* 4.3-6a **3** Assim, ὁ Tat, [ele] repartiu a razão entre todos os homens, mas não a intuição; não menosprezando alguns; pois o menosprezo não vem de lá, mas é constituído aqui embaixo pelas almas dos que não têm intuição. – Por que, então, ὁ παῖ, Deus não repartiu a intuição entre todos? – Quis, ὁ filho, colocar isso como prêmio no meio para as almas. **4** – E onde o colocou? – Tendo enchido uma grande cratera disso, enviou; designando um arauto, também lhe ordenou apregoar aos corações dos homens estas coisas: me orgulha-te a ti mesmo nessa cratera, tu que podes, tu que crês que subirás para o que tem enviado o vaso de mistura, tu que conheces por que vieste a ser.

Assim, aqueles que ouviram a pregação e embeberam-se de intuição, esses participaram da gnose e, tendo recebido a intuição, vieram a ser homens perfeitos; mas aqueles que se desviaram da pregação, esses são os lógicos, que não tomaram em acréscimo a intuição, que desconhecem por que e por quem vieram a existir; **5** mas as sensações desses são semelhantes às dos viventes irracionais: irascivelmente e cupidamente possuindo o temperamento, não admirando as coisas dignas de contemplação, mas obedecendo aos prazeres e aos deleites dos corpos, e acreditando que o homem vem a existir por causa dessas coisas. Aqueles que, porém, participaram do dom de Deus, esses, ὁ Tat, em comparação às obras, são imortais em vez de mortais, tendo incluído na sua própria intuição todas as coisas, as da terra, as do céu, e se algo existir acima do céu; porém, tendo elevado a si mesmos de tal modo, viram o Bem, e tendo visto, consideraram uma infelicidade o atraso aqui; tendo desdenhado de todas as coisas corpóreas e incorpóreas, também se dedicam ao Uno. **6** Isso, ὁ Tat, é a ciência da intuição: †abundância† das coisas divinas, e é o apreendido sobre Deus, já que divina é a cratera (tradução própria).

so, convém explicar os dados da crítica textual no aparato de N.-F., verificando a atestação de *lectiones* dos manuscritos. É pressuposto que se deve avaliar a qualidade, a quantidade e a idade dos manuscritos que atestam (ou não) as *lectiones* de *κηρόζαι*, para determinar, por meio de extensão ou dificuldade das *lectiones*, qual delas figura a variante mais antiga e mais próxima da leitura original. Por último, convém ponderar acerca dos resultados das avaliações e propor a leitura que melhor configura o texto do *Corp. Herm.* 4.3-6a com a finalidade de garantir o aporte de tradução. Sendo assim, proceder-se-á à avaliação das *lectiones κηρόζαι*.

A priori, faz-se necessário salientar, como menciona Martin West, que a crítica textual não é tudo e o fim de tudo nos estudos clássicos, mas é uma parte indispensável. Em todo caso, se alguém quer fazer um estudo sério de textos antigos, deverá atentar às incertezas no decurso de sua transmissão (WEST, 1973, p. 7-9). Por isso, o objeto da crítica textual é a transmissão textual. Seu alvo é a definição hipotética da versão textual confeccionada no passado. A base do trabalho do criticismo textual é composta de edições com anotações acerca de divergência traditiva documentada. Faz-se necessário conhecer basicamente a história textual e a axiologia de seus principais testemunhos. Por fim, só assim, pode-se reconstruir o suposto texto original e explicar suas *lectiones*, baseando-se em um exame crítico.

Já que dezessete tratados herméticos foram coligidos em um *corpus*, conhecido atualmente como *Corpus Hermeticum (Corp. Herm.)*, esse passou a ser copiado no decorrer do tempo. Destarte, os tratados não só foram conservados em uma coletânea, mas também foram reproduzidos como parte da coleção. É bem verdade que textos antigos sofreram, com o passar do tempo, algum tipo de alteração, acréscimo, supressão, mas também as deformações que sobrevieram sobre o texto. Da mesma forma, os textos constantemente copiados tendem a sofrer *ups and downs of life*. À medida que um texto era compilado, a tendência era se tornar cada vez mais desconexo para um determinado leitor em um contexto distante do ponto de vista local e temporal de sua origem. Assim, o escrito sofria algum tipo de uma adaptação (alteração) para que tivesse alguma utilidade ou de funcionalidade em um contexto distante. Essa adaptação era constituída de acréscimos, comentários, anotações, cortes (ROSSETTI, 2006, p. 96-97; POZA, 2019, p. 54-6). Em todo caso, com o passar do tempo, os tratados herméticos, nesse *corpus*, se submeteram a alterações, acréscimos, supressões (*corruptio*), deformações e vicissitudes

de todas as formas. Quanto mais o texto era copiado mais ele se afastava da sua configuração textual original. Assim, os lapsos mais comuns nas cópias do texto do *Corp. Herm.* são provenientes dos compiladores (NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XXI-XXII).

Assim, o *Corp. Herm.*, como qualquer texto antigo, submeteu-se a ajustamentos manuscriturísticos pelos copistas no percurso da transmissão. Esse fato é confirmado ou constatado, ao comparar as várias cópias, reparos, estilizações, erros de interpretação e tentativas de harmonizações com textos dos *Hermetica Excerpta* de Estobeu. Os próprios copistas bizantinos conduziram as cópias do *Corp. Herm.* a um processo de depuração de acordo com a ortodoxia cristã em seu ambiente. Não obstante, em comparação com os fragmentos, excertos e traduções já existentes, esses ajustamentos não foram excessivos. Convém salientar que os procedimentos de cópias não são os mesmos entre os compiladores (VAN DEN BROEK, 2006, p. 489; COPENHAVER, 2000, p. xl-xlvi; FOWDEN, 1993, p. 9).

Os lapsos particulares nas cópias do texto do *Corp. Herm.*, amiúde, são resultados dos procedimentos dos compiladores (NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XXI-XXII). Segundo John Horman, o grau de *corruptio*, no texto do *Corp. Herm.* 4 é moderado. Das três grandes omissões que incidem nele, duas são resultado de uma *haplografia* por *homoteleuton* (mesmo final). Ou seja, houve a omissão de palavras porque duas linhas apresentam o mesmo final. Uma terceira omissão aconteceu por causa da mutilação do manuscrito. No processo de transmissão, existem algumas substituições descuidadas por causa da similaridade de duas ou mais palavras. No entanto, não há lapsos que possam ter interferido na tradição textual do *Corp. Herm.* 4 de forma geral (HORMAN, 1973, p. 48-9). Em todo caso, a perícope do *Corp. Herm.* 4.3-6a possui várias questões no que diz respeito à crítica textual.⁴¹ A edição crítica do *Corp. Herm.* de Nock e Festugière tem prestado conta dessas questões no aparato crítico. O texto grego de N.-F. constitui a edição crítica padrão, sendo cuidadosamente conservador de acordo com os manuscritos e sem apresentar conjecturas desnecessárias (VAN DEN BROEK, 2006, p. 488; DODD, 1970, nota 3, p. 11-12; SOULEN, 1981, p. 86; GRANT, 2005, p. 6643).

⁴¹ Sobre o objeto, objetivo, tarefa e os critérios da crítica textual, cf. Rossetti (2006, p. 95-150); Silva (2011, p. 106-9).

2. *O Corp. Herm. 4.3-6a e o apparatus criticus em N.-F.*

Segundo William Grese, a intenção não é fazer uma nova crítica textual do *Corp. Herm.*, mas reunir as informações apresentadas no texto preparado por Arthur Darby Nock e decodificar seus dados de leitura no aparato. Grese está se referindo a não fazer uma nova crítica textual do *Corp. Herm.* 13, o qual constitui objeto de sua pesquisa. No entanto, ele mesmo faz alterações ao texto de N.-F., basendo-se nas variantes e *emendationes* que foram citadas por Nock no aparato. Contudo, as conclusões e as leituras propostas por Nock não podem ser consideradas como incontestáveis. Elas também estão sujeitas a ponderações e avaliações.⁴²

Convém entender a configuração do texto crítico do *Corp. Herm.* 4.3-6a em N.-F. Nesta edição, não se utiliza símbolos especiais no texto propriamente para remeter aos dados no aparato, exceto colchetes agudo e quadrado, e *crux desperationis*.⁴³ A indicação de linhas é apresentada sempre à margem direita. A entrada no aparato é dada pelo número da linha e não dos parágrafos em que se encontram os problemas de variantes e de conjecturas.

É importante observar que é parte do procedimento filológico dos textos críticos, a apresentação de uma justificativa, por parte do editor, no *apparatus criticus* (no pé da página), as razões que o levaram a efetuar suas escolhas por certas *lectiones* (variantes) dentre várias outras e fortuitamente dentre várias sugestões disponíveis de *emendationes*. Essa justificativa consiste em prestar contas, de maneira sintética, sóbria e clara, dos dados referentes às variantes (*lectiones*) dignas de nota, incidentes em vários manuscritos, e relativas às conjecturas mais significativas (*coniecturae, emendationes*), sendo suas considerações, quase sempre, escritas em latim.

Geralmente as edições críticas adotam uma gama de siglas, abreviaturas e signos no aparato crítico. Essas orientações são colocadas em uma lista de abreviaturas que se posiciona antes mesmo do texto crítico. Na primeira página da introdução da edição crítica de N.-F., há uma lista de manuscritos, com sigla, nome, data e conteúdo. Antes do texto crítico

⁴² Grese (1979, p. 1).

⁴³ Sobre estes símbolos, cf. Rossetti (2006, p. 105-6).

propriamente dito, há um *index siglorum*⁴⁴ de edições anteriores do *Corpus Hermeticum* bem como de autores que fazem citações diretas e conjecturas do *Corpus Hermeticum*. O objetivo primeiro, aqui, é decodificar os dados da crítica textual que compõem o aparato como apresentado pela edição crítica de A. D. Nock e A.-J. Festugière, verificando a atestação de variantes nos manuscritos.

Quando uma leitura proposta por N.-F. é atestada pelos manuscritos ABCM, o aparato crítico apenas indica a leitura divergente de um manuscrito (ou mais manuscritos), subentendendo que este apresenta uma leitura variante em relação a ABCM.⁴⁵ Quando a leitura de N.-F. não é atestada por esses manuscritos (ABCM) ou há variações entre eles, as *lectiones* serão apresentadas ao lado dos respectivos testemunhos.

No que tange à **linha 10**, N.-F. indica que o manuscrito **A** tem a palavra *κηρύξαι* (“*hic habet A*”), gerando a leitura *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ κηρύξαι ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε* (e lhe ordenou **pregar** aos corações dos homens estas coisas). Ela é atestada por **N** depois de (*post*) *καρδίαις*, apresentando a leitura: *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις κηρύξαι τάδε* (e lhe ordenou aos corações dos homens **pregar** estas coisas). A palavra *κηρύξαι* é testemunhada depois de *ἐκέλευσεν* pela primeira correção posterior do manuscrito **B** (**B^C**), propondo a leitura *καὶ ἐκέλευσεν κηρύξαι αὐτῷ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε*. Além de **A**, a edição de **Turn.** sugere o emprego da palavra *κηρύξαι* depois de (*post*) *αὐτῷ*. O emprego da palavra *κηρύξαι* é testemunhado pelos manuscritos **ANB^C** e proposta por **Turn.** No entanto, percebe-se que a palavra se configura em uma ordem diversa nesses testemunhos. Ademais, os manuscritos **BCMD** a palavra *κηρύξαι* (*om.* é abreviatura de *omittunt*): *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε* (*também exortou, em honra dela, aos corações dos homens estas coisas*). Nock conjectura se porventura não tinha o autor escrito *καὶ ἐκέλευσεν < ἐν > αὐτῷ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε*. Nock está inclinado a pensar que o autor escreveu dessa forma (“*haud scio an auctor scripserit*”). Na mesma linha, porém em uma passagem diferente, Nock dá a informação de que *τάδε* vem de *ταῦτα*, de uma autocorreção do manuscrito **B** (**B¹**). A prepo-

⁴⁴ Chama-se *conspectus siglorum* ou *signorum* (ou *index siglorum* ou *signorum*) – quadro de abreviaturas, siglas e signos que são utilizados no *apparatus criticus* (Cf. ROSSETTI, 2006, p. 109, 352; NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XI-XII, LIV).

⁴⁵ Manuscritos *Laurentianus* 71, 33; *Parisinus Graecus* 1220; *Vaticanus Graecus* 237; *Vaticanus Graecus* 951. Horman afirma que os manuscritos **ABCM** são úteis para o estabelecimento do texto do *Corpus Hermeticum* de N.-F. Horman (1973, p. 6).

sição *év* entre colchetes angulados <> é conjectura de Nock. Não obstante isso, o texto de N.-F. acata os testemunhos do emprego do verbo *κηρύττει*.⁴⁶

3. A inclusão e a omissão da palavra *κηρύττει*

A avaliação de variantes segue dois passos importantes, a saber, o analítico (ou formal) e o interpretativo (ou de conteúdo). Cada um dos passos compreende alguns critérios importantes da crítica textual. Os critérios ou princípios externos constituem o passo analítico (ou formal); e o passo interpretativo (ou de conteúdo) é constituído pelos critérios ou princípios internos.⁴⁷ Esses critérios dão suporte às evidências externas e internas a favor ou contra uma determinada leitura. Faz-se necessário empregar esses critérios para a avaliação das *lectiones κηρύττει* e *ἐδαπίσαντο τοῦ νοός*.

Foi supramencionado que, no aparato crítico de N.-F., sobre a **linha 10**, o manuscrito **A** testemunha o emprego da palavra *κηρύττει* na *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ κηρύττει ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε* (e lhe ordenou *pregar* aos corações dos homens estas coisas). Em **N** é atestado depois de *καρδίαις*; em **B^C** é testemunhado depois de *ἐκέλευσεν*; a edição de **Turn.** sugere a inclusão da palavra *κηρύττει* depois de *αὐτῷ*. De forma geral, a inclusão da palavra *κηρύττει* é testemunhada pelos manuscritos **ANB^C** e proposta por **Turn.** A palavra *κηρύττει* é omitida pelos manuscritos **BCMD**: *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε* (*também exortou, em honra dela, aos corações dos homens estas coisas*). Além desses manuscritos, **QS**, segundo Walter Scott, também omitem *κηρύττει*.⁴⁸

3.1. Passo analítico ou formal (evidência externa):

a) *Lectio plurimum codicum potior* (a leitura mais atestada pelos códices é preferível): Em termos de quantidade, a omissão de *κηρύττει* é

⁴⁶ **Turn.** é a *editio princeps* de Turnebus; **D** é o manuscrito *Vindobonensis Philisophicus Graecus* 102; **N** é o manuscrito *Neapolitanus* II c 32. Scott diz que a omissão é atestada pelos manuscritos **QS** (manuscritos *Bodleianus* 3388; *Bodleianus* 3027) (HERMETICA, 1985, v. 1, p. 150). Sobre o uso de colchetes angulados, cf. Rossetti (2006, p. 105).

⁴⁷ Sobre os critérios de avaliação e prática da crítica textual, cf. Silva (2011, p. 108).

⁴⁸ Cf. Hermetica (1985, v. 1, p. 150).

mais atestada (pelos manuscritos **BCMDQS**) do que a inclusão (pelos manuscritos **ANB^C** e a edição de Turnebus).

b) *Lectio antiquior potior* (a leitura mais antiga é preferível): Em relação à idade, o número de manuscritos antigos que atestam a omissão é maior.

A inclusão de κηρύξαι: **A** (séc. XIV), **N** (séc. XIV – XV), **Turn.** (séc. XVI). **A omissão de κηρύξαι:** **B** (séc. XIV), **C** (séc. XIV), **M** (séc. XIV), **D** (séc. XV), **Q** (séc. XV), **S** (séc. XVI). Entre os manuscritos tardios, **Q** está conectado com **D**; e **S** está relacionado a **C**. Se levar em consideração que o decisivo não é a antiguidade, mas a configuração que serviu de base a um manuscrito, poder-se-ia confirmar que **QS** são boas testemunhas para a omissão de κηρύξαι.

c) *Lectio melioris codicis potior* (a leitura do melhor códice é preferível): No que diz respeito à qualidade, os manuscritos que testemunham a omissão são melhores do que os que atestam a inclusão de κηρύξαι. Embora os manuscritos **ABCM** sejam úteis para o estabelecimento do texto crítico do *Corpus Hermeticum*, dentre esses, Reitzenstein sugere que as leituras de **ACM** (ou melhor, **MAC**) prevaleçam sobre qualquer outra de quaisquer confiáveis.⁴⁹

3.2. Passo interpretativo ou de conteúdo (evidência interna):

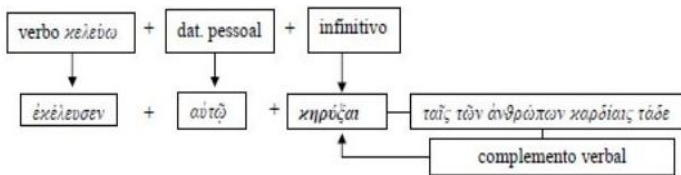
a) *Lectio brevior potior* (a leitura mais breve é preferível): Por esse critério, a omissão de κηρύξαι pode ser considerada como original em maior ou menor grau.

b) *Lectio difficilior potior* (a leitura mais difícil é preferível): É necessário analisar qual das leituras se torna mais difícil entre a inclusão e omissão de κηρύξαι. Deve-se considerar o seguinte:

Em relação à construção sintática da fraseologia com a inclusão de κηρύξαι - καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ κηρύξαι ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε – o verbo κελεύω rege o dativo pessoal seguido pelo infinitivo. Em outras palavras, o dativo pessoal (αὐτῷ - objeto do verbo κελεύω) é também sujeito do infinitivo κηρύξαι. Aquele que prega cumpre a ordem de pregar aos corações dos homens. Logo, percebe-se que κηρύξαι serve para articular a função sujeito-objeto de αὐτῷ. Simultaneamente, o verbo

⁴⁹ Cf. sobre os manuscritos no capítulo 1 da presente pesquisa, Horman (1973, p. 6); Scott (1985, v. 1, p. 22) e Reitzenstein (1922, p. 325).

κηρύξαι apresenta dois objetos (complementos): a quem se prega (*ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις*) e o que se prega (*τάδε*). O infinitivo incide nessa leitura para designar a função do *κηρυξ* (o arauto). Sendo assim, pode-se constatar que a ordem é dada, segundo essa leitura, ao arauto (*ἐκέλευσεν αὐτῷ κηρύξαι*). Com *κηρύξαι*, ela é traduzida: *e ordenou-lhe pregar aos corações dos homens estas coisas*. Em suma, nota-se que, com o emprego do verbo *κηρύξαι*, *αὐτῷ* não só insinua ser um elemento anafórico de *κηρυξ*, mas também tem a função sintática de objeto do verbo *ἐκέλευσεν*. O resto da fraseologia (*ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε*) está relacionado ao verbo *κηρύξαι*. Essa leitura se enquadra melhor na estrutura: *κελεύω* + dativo pessoal + infinitivo. A sintaxe dessa fraseologia se apresenta da seguinte forma:



Em geral, o verbo *κελεύω* é um dos verbos bitransitivos no grego, ou seja, rege dativo e acusativo. O emprego do dativo com o verbo *κελεύω* é *sui generis* justamente por causa do seu sentido de chamado de encorajamento e de exortação. Em relação à construção sintática da fraseologia com a omissão de *κηρύξαι* – *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε* – o verbo *κελεύω*⁵⁰ rege o dativo pessoal (ou personificado) com algo (uma coisa) no acusativo. Nessa leitura, existem dois dativos: *αὐτῷ* e *ταῖς καρδίαις*. Isso dificulta o entendimento. A quem foi dada a ordem? A ele ou aos corações dos homens? Deve-se atentar ao contexto. Logo em seguida percebe-se que foram ordenadas estas (*τάδε*): *βάπτισον σεαυτήν ἢ δυναμένη εἰς τοῦτον τὸν κρατήρα, ἢ πιστεύουσα ὅτι*

⁵⁰ A estrutura com *κελεύω* + dativo pessoal (personificado) + acusativo (uma coisa) é muito rara e mais difícil na língua grega. Sobre essa estrutura, cf. Liddell; Scott; Jones (1996, p. 937). Acerca da fraseologia *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ κηρύξαι ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε*, ela também pode ser traduzida: *e ordenou que ele pregasse aos corações dos homens estas coisas*. Sobre a regência do verbo *κελεύω*, cf. Freire (2001, p. 197). Cf. as acepções desse verbo em Betts (2010, p. 278); Betts; Henry (2010, p. 410); Blass; Debrunner; Funk (2009, p. 101); Rusconi (2003, p. 263); Morwoods; Taylor (2002, p. 30); Pereira (1998, p. 316); Liddell; Scott; Jones (1996, p. 937); Fobes (1959, p. 15, 83, 281, 300, 307, 313).

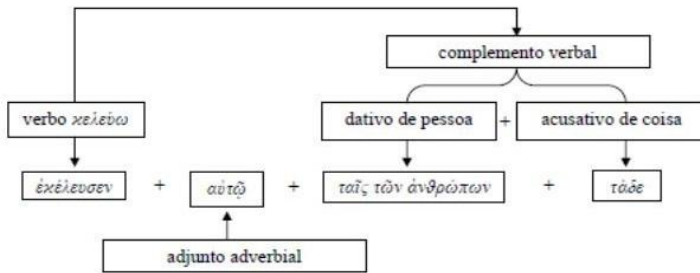
ἀνελεύση πρὸς τὸν καταπέμψαντα τὸν κρατήρα, ἢ γνωρίζουσα ἐπὶ τί γέγονας (mergulha-te a ti mesmo nesse vaso de mistura, tu que podes, tu que crês que subirás para o que tem enviado o vaso de mistura, tu que conheces por que vieste a ser). O interlocutor ou a quem é endereçado o discurso está no gênero feminino: σεαυτήν, ἢ δυναμένην, ἢ πιστεύουσα, ἢ γνωρίζουσα). Por essa razão, deve-se compreender que a ordem é dada a cada um dos corações dos homens (ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις)⁵¹, pois a palavra *καρδία* é feminina. O pronome *τάδε* (acusativo plural neutro) corresponde a tudo o que é ordenado aos corações dos homens (ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις). Assim, essa leitura se enquadra melhor na estrutura: *κελεύω* + dativo pessoal (personificado) + acusativo de coisa. Quem ordena, ordena algo a alguém. E a pergunta que deve ser feita é: se o dativo correspondente à regência de *κελεύω* não é *αὐτῷ*, qual é a função sintática de *αὐτῷ*?

Como já foi visto anteriormente, na conjectura de Nock sobre a omissão, *αὐτῷ* é elemento anafórico de *κρατήρ*. A partir disso, ele faz uma interpolação conjectural da preposição <ἐν> entre *ἐκέλευσεν* e *αὐτῷ*: *καὶ ἐκέλευσεν < ἐν > αὐτῷ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε* (e exortou < nela > aos corações dos homens estas coisas). Para Nock, *αὐτῷ* é um adjunto adnominal ou um complemento circunstancial locativo. Essa conjectura, por mais interessante que seja, tenta facilitar a leitura. Mas não há necessidade de conjectura, pois a omissão não gera nenhum equívoco. É possível que, assim como conjectura Nock, *αὐτῷ* seja o elemento anafórico de *κρατήρ* e seja um adjunto adverbial. Mas, nada indica que o autor originalmente tenha escrito isso como locativo. Com certeza, *αὐτῷ* se torna complicado à primeira vista porque é apenas um dativo *solto* no meio da frase, sem nenhuma regência verbal, adjetiva ou preposicional. É bem verdade que isso pode dar a indicação de que se trata de um termo acessório da oração como adjunto adverbial. No entanto, pode-se criar dificuldade para designar o tipo de dativo e seu sentido como complemento circunstancial. Por isso, deve-se atentar para os três principais agrupamentos do dativo: o próprio, o instrumental e o locativo. Em

⁵¹ Para Scott, *καρδία*, no sintagma *ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις*, significa *mente* ou *alma*. Segundo ele, o sentido do coração, como está no texto, com a dimensão psicológica (da alma), deve ser egípcia (SCOTT, 1985, v. 2, p. 143). Festugière salienta que a *alma* é convidada a beber da cratera (FESTUGIÈRE, 1938, p. 6). Dodd considera que o convite a mergulhar na cratera é feito à *ψυχή* (DODD, 2005, p. 180; DODD, 1954, p. 236). Porém, existe uma dúvida se a exortação é pronunciada aos corações ou às almas dos homens (COPENHAVER, 2000, p. 135). No entanto, seja a exortação ao coração seja à alma, com certeza, *αὐτῷ* não pode ser o complemento verbal. Sobre *καρδία* e seu sentido no *Corp. Herm.* 4, cf. Van den Kerchove (2012, p. 295-7); Nilsson (1958, p. 57-8).

outras palavras, definir *αὐτῶ* sintaticamente pode se tornar complexo, já que essa palavra pode ser um complemento circunstancial locativo, de meio, de causa, de ponto de vista e de respeito. Em todo caso, sua função sintática denota ser um adjunto adverbial, evidenciando-se como complemento circunstancial, expresso pelo *dativus commodi et incommodi* (dativo de vantagem e desvantagem)⁵².

Esse dativo tem uma função de complemento circunstancial de finalidade. Geralmente ele é traduzido pela locução adverbial *em honra de, para honra de, em benefício de, pelo amor de, em recompensa a* (daí *commodum*). Assim, a tradução da fraseologia *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῶ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίας τάδε* seria: *também exortou, em honra dela, aos corações dos homens estas coisas*.⁵³ A sintaxe da fraseologia *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῶ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίας τάδε* pode ser esquematizada da seguinte forma:



Em todo caso, deve-se perceber que as funções sintáticas na frase, com a inclusão ou omissão da palavra *κηρύττει*, geram uma reorganização

⁵² Nas orações, de maneira geral, as palavras constituem termos (unidades sintáticas) que desempenham funções sintáticas. De acordo com o grau de importância, os termos são designados de principais ou essenciais, integrantes e acessórios. Sobre isso, cf. CEGALLA, 2008, p. 321-322, 362-367. Acerca dos vários usos do dativo (Cf. RAGON, 2012, p. 185-93; BETTS, 2010, p. 211-14; BETTS; HENRY, 2010, p. 288-93; BLASS; DEBRUNNER; FUNK, 2009, p. 100-9; FREIRE, 2001, p. 182; TAYLOR, 2001, p. 219-25; PERFEITO, 1997, p. 146; JAY, 1994, p. 183-4; FOBES, 1959, p. 153-4).

⁵³ Sobre o complemento circunstancial de finalidade (Cf. FREIRE, 2001, p. 182; PERFEITO, 1997, p. 146). Essa frase também pode ser traduzida: *e disse (ou exortou) estas coisas aos corações dos homens em honra dela. Καί, além de conjunção, pode incidir, no Corp. Herm., como o advérbio também ou igualmente (LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 857-8; DELATTE; GOVAERTS; DENOZ, 1977, p. XVII, 97).*

em cada uma das leituras. Isso faz pressupor que uma das leituras tentou reorganizar aquilo que parecia ser de difícil compreensão. A mesma dificuldade que incide nessa fraseologia também pode ser encontrada nas *Hellenicas* de Xenofontes: *ἐκέλευε στεφανοῦσθαι πάντας τῷ θεῷ* (*ordenava serem todos coroados em honra ao deus*). A estrutura da oração é *κελεύω* + acusativo pessoal + infinitivo e perceptível que *στεφανοῦσθαι πάντας* é uma oração cujo sujeito é objeto do verbo *κελεύω*, ou seja, *πάντας*. Mas, isso não parece ser tão evidente porque *τῷ θεῷ* pode também se confundir com um objeto do verbo *κελεύω*. No entanto, *τῷ θεῷ* é um *dativus commodi et incommodi*⁵⁴.

Segundo a avaliação do critério de dificuldade da leitura, a fraseologia *καὶ ἐκέλευεν αὐτῷ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε* tende a ser uma leitura mais difícil. Nesse sentido, pressupõe que, com a inclusão de *κηρύττει*, o texto passou a ser mais compreensível para a leitura, gerando uma certa harmonia e lógica, e deixando de ser uma leitura rudimentar para dar lugar ao aperfeiçoamento estilístico. Pelo critério de que a leitura mais difícil é preferível, a *lectio* com a omissão de *κηρύττει* é preferida em detrimento da inclusão pelas razões expostas acima.

c) *Lectio quae alterius originem explicat potior* (a leitura que explica a origem da outra é preferível): Por esse critério, através dos resultados obtidos pelos critérios da *lectio brevior* e *lectio difficilior*, pode-se constatar qual das duas leituras se origina da outra.

A dificuldade que incide com a omissão pressupõe que o compilador buscou facilitar a leitura, acrescentando a palavra *κηρύττει*. Sobre a *lectio facillior* pesa a suspeita de uma intervenção frente à dificuldade da leitura e com intuito de estabelecer a inteligibilidade do texto. Ao buscar a inteligibilidade do texto, ele procedeu à inclusão de *κηρύττει*, o que fez com que a frase se tornasse um pouco mais extensa do que a original. Deve-se também suspeitar que a organização da frase fosse contrária aos usos linguísticos da época do compilador. Isso fez com que ele procedesse a uma correção (Cf. ROSSETTI, 2006, p. 378).

A suspeita é plausível, visto que a estrutura que se apresenta com a omissão de *κηρύττει* (isto é, o verbo *κελεύω* seguido de dativo pessoal

⁵⁴ Também: “ordenava que todos se coroassem em honra ao deus” (XENOPHONTE, *Hellenica*, 4.3.21. Cf. XENOPHON. 1961, v. 1, p. 304). Essa construção é mais comum do que *κελεύω* + dativo pessoal + infinitivo (Cf. LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 936-937; BLASS; DEBRUNNER; FUNK, 2009, p. 100-9; JAY, 1994, p. 102-3, 211-12; FOBES, 1959, p. 15, 83, 201).

(personificado) e de um acusativo (de coisa) é rara na língua grega. É possível que o copista não tenha entendido a função sintática de *αὐτῶ* e tentou reconstruir a oração para solucionar o problema dos dativos presentes nela. Além disso, ele pode ter recorrido a uma estrutura semelhante àquela encontrada na *Íliada*: *αὐτὰρ ὁ κηρύκεσσι λιγυφθόγοισι κέλευσε κηρύσσειν...* (mas ele **ordenou aos arautos** claríssonos **anunciar...**).⁵⁵

O compilador do *Corp. Herm.* deduziu que a presença de *κῆρυξ* e *κῆρυγμα* possibilitaria a solução para a ininteligibilidade da leitura, incluindo, assim, o verbo *κηρύξαι*. Ao acrescentar o verbo *κηρύξαι*, o copista procedeu às seguintes mudanças: a) O verbo que deve ser incluído é *κηρύξαι*, justamente porque deve ser harmonizado com *κῆρυξ* e *κῆρυγμα* e porque ao arauto é ordenado executar a função própria de pregar.⁵⁶ b) Ao inserir *κηρύξαι*, *αὐτῶ* deixa de ser um adjunto adverbial e assume uma função de objeto indireto do verbo *κελεύω*. c) O dativo *αὐτῶ* deixa de ser um elemento anafórico de *κρατήρ* e passa a ser de *κῆρυξ*. d) As palavras *ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε* vieram a ser complementos verbais de *κηρύξαι*. Com a inclusão de *κηρύξαι* (ou seja, do infinitivo), o texto veio a ser camuflado e o sentido que ele deveria ter originalmente se perde por causa de sua ambiguidade, com a finalidade de dar uma certa harmonia e lógica.

d) *Usus scribendi* (o uso daquele que escreve): Deve-se levar em consideração o estilo ou a linguagem peculiar da época, do grupo no qual está inserido o escritor, e as suas características literárias próprias (usos idiomáticos), com a finalidade de apresentar qual leitura deve ser, em maior ou menor grau, aquela que configura uma originalidade. Tanto a *lectio difficilior* como o *usus scribendi* são dois princípios importantes

⁵⁵ HOMERO, *Íliada*, 2.50-51. Essa mesma estrutura se encontra em: *κηρύκεσσι λιγυφθόγοισι κέλευον [...] κικλήσκειν...* (ordenou aos arautos claríssonos [...] chamar...) (HOMERO, *Íliada*, 9.10-11); e em *αὐτίκα κηρύκεσσι λιγυφθόγοισι κέλευσαν ἀμφὶ πυρὶ στήσαι τρίποδα μέγαν* (ordenaram aos arautos claríssonos pôr no fogo uma grande trípede (HOMERO, *Íliada*, 23.39-40) (Cf. HOMERO, 2008, v. 1, p. 68-69, 328-329; v. 2, p. 390-391). Acerca da rara ocorrência da estrutura *κελεύω* + dativo pessoal (personificado) + acusativo de coisa, cf. Liddell, Scott e Jones (1996, p. 937). O dativo plural de *κῆρυξ* (*κηρύκεσσι(ν)*), com terminação em *-εσσι*, é típico do grego homérico. No grego ático e *koinē*, o dativo plural de *κῆρυξ* é *κῆρυξι(ν)*. Ademais, o aumento, no grego homérico, é geralmente omitido: *κέλευσε* em vez de *έκέλευσε*. Sobre isso, cf. Betts (2010, p. 44-5), Betts e Henry (2010, p. 47-8, 316, 317) e Freire (2001, p. 26, 251, 253) e Fobes (1959, p. 49-50).

⁵⁶ Copenhagen (2000, p. 133).

dentre os critérios internos de avaliação das variantes. A palavra *κελεύω* incide uma única vez no *Corp. Herm.* 4.3-6a, o que inviabiliza afirmar qual seria o emprego mais usual do escritor desse tratado. No entanto, existem quatro outras ocorrências do verbo *κελεύω* no *Corp. Herm.*:⁵⁷

- * *Corp. Herm.* 1.29: *ἐκέλευσα αὐτοῖς εὐχαριστεῖν τῷ θεῷ (ordenei-lhes agradecer a Deus).*
- * *Corp. Herm.* 11.19: *καὶ κέλευσόν σου τῇ ψυχῇ εἰς Ἰνδικὴν πορευθῆναι (e ordena à tua alma ir à Índia).*
- * *Corp. Herm.* 11.19: *μετελθεῖν δὲ αὐτῇ κέλευσον ἐπὶ τὸν ὠκεανόν (e lhe ordena transportar-se sobre o oceano).*
- * *Corp. Herm.* 11.19: *κέλευσον δὲ αὐτῇ καὶ εἰς τὸν οὐρανὸν ἀναπτῆναι (e lhe ordena também voar para o céu).*

Segundo essas ocorrências, a opção pela estrutura *κελεύω* + dativo pessoal + infinitivo parece estar em consonância com uso comum no *Corp. Herm.* Nota-se também que, em nenhuma dessas ocorrências, o verbo *κελεύω* rege acusativo com infinitivo, como se encontra no *Korē Kosmou*.⁵⁸ Se assim for, isso depõe a favor da inclusão da palavra *κηρύξαι* entre *αὐτῷ* e *ταῖς καρδίαις*, à semelhança de *εὐχαριστεῖν* na fraseologia *ἐκέλευσα αὐτοῖς εὐχαριστεῖν τῷ θεῷ* (*Corp. Herm.* 1.29). Enquanto esse critério depõe a favor da inclusão, todos os demais supramencionados depõem a favor da omissão da palavra *κηρύξαι*.

e) *Lectio difformis a loco parallelo praestat conformi* (a leitura disforme de um lugar paralelo predomina sobre o que lhe é conforme): Por esse critério, através dos resultados obtidos pelo critério do *usus scribendi*, *lectio brevior* e *lectio difficilior*, pode-se constatar que a leitura mais harmonizada com algum texto paralelo tende a não ser uma leitura original.

Para André-Jean Festugière, existe um paralelo entre o *Corp. Herm.* 4.3-6a e o *Corp. Herm.* 1.27-29 por causa do verbo *κηρύσσω* e das palavras *κήρυξ* e *κήρυγμα*. Essa observação de Festugière também pode fazer pressupor que o paralelo deve ter conduzido o copista a uma harmonização. Foi visto anteriormente que o copista, para proceder à inclu-

⁵⁷ Sobre o *usus scribendi* e o estilo, cf. Silva (2011, p. 108). Acerca da ocorrência do verbo *κελεύω* no *Corp. Herm.*, cf. Delatte; Govaerts; Denooz (1977. p. XII, 70).

⁵⁸ *Stobaei Hermetica, Excerptum XXIII.* 9, 30, 63 (CORPUS, 2005, p. 1064, 1072, 1088; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 462, 474, 490).

são da palavra *κηρύξαι*, deve ter recorrido a uma leitura semelhante àquela na *Ilíada* 2.50-51: *αὐτὰρ ὁ κηρύκεσσι λιγυροθύροισι κέλευσε κηρύσσειν...* (mas ele ordenou aos arautos claríssimos anunciar...). Foi supramencionado que, pelo *usus scribendi*, no *Corp. Herm.* 1.29, *ἐκέλευσα αὐτοῖς εὐχαριστεῖν τῷ θεῷ* (ordenei-lhes agradecer a Deus) segue a mesma estrutura da *Ilíada* 2.50-51. A favor da inclusão, o verbo *κηρύσσω* ocorre duas vezes no *Corpus Hermeticum*: no *Corp. Herm.* 1.27 e no *Corp. Herm.* 4.4.⁵⁹ No primeiro tratado, consta a fraseologia *καὶ ἤργμαι κηρύσσειν τοῖς ἀνθρώποις τὸ τῆς εὐσεβείας καὶ γνώσεως κάλλος* (e comecei a pregar aos homens a beleza da piedade e da *gnose*). Levando em consideração que a omissão seja original, a inclusão de *κηρύξαι* deve ter sido afetada pela influência do texto do *Corp. Herm.* 1.27. O paralelo entre os textos é plausível, mas nada indica que a inclusão daquele verbo no *Corp. Herm.* 4. seja a leitura mais autêntica.

4. Conclusão

Pela avaliação formal das variantes, por meio dos princípios externos, constatou-se que a omissão de *κηρύξαι* está mais bem atestada, inclusive, pelos manuscritos mais antigos; ademais, tem a maior quantidade de manuscritos a seu favor. No que diz respeito à avaliação do conteúdo, através dos critérios internos, constatou-se que, com a omissão de *κηρύξαι*, a leitura é mais breve e mais difícil, portanto, a mais original. Além disso, ela explica como se deu o processo de inclusão desse verbo e a possibilidade de harmonização do texto de acordo com o *Corp. Herm.* 1.27. Em consideração aos resultados obtidos da avaliação formal e interna, conclui-se que a omissão de *κηρύξαι* tem maior probabilidade em ser a leitura original. Nock estava ciente de que o autor havia omitido o verbo, mas optou em incluí-lo no texto de N.-F. Assim como Nock, Walter Scott também preferiu incluir *κηρύξαι*.

Por essa razão, diante das evidências externas e internas, no presente trabalho, optar-se-á pela leitura que omite a palavra *κηρύξαι* do texto que servirá de base para a tradução: *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε* seria – *também exortou, em honra dela, aos corações dos homens estas coisas*.

⁵⁹ Sobre o paralelo entre o *Corp. Herm.* 4.3-6a e o *Corp. Herm.* 1.27-29, cf. Festugière (1938, p. 3); copenhagen (2000, p. 133-4). Sobre a ocorrência, cf. Delatte; Govaerts; Denooz (1977, p. 102).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTS, Gavin. *Complete New Testament Greek*. 2. ed. London: Hodder and Stoughton; New York McGraw Hill, 2010. 292p. (Teach Yourself Books).

BETTS, Gavin; HENRY, Alan. *Complete Ancient Greek*. 3 ed. London: Hodder and Stoughton; New York: McGraw Hill, 2010. 444p. (Teach Yourself Books).

BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert; FUNK, Robert Walter. *A Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature*. 20. print. ed. 1961. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2009. 325p.

CEGALLA, Domingo Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. 696p.

COPENHAVER, Brian P. Introduction. In: HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction – Brian P. Copenhaver. New York: Cambridge University Press, 2000. p. xiii-lxi

CROSBY, Henry Lamar; SCHAEFFER, John Nevin. *An Introduction to Greek*. Mineola; New York: Dover, 2009. 349p.

DELATTE, L.; GOVAERTS, S.; DENOZ, J. *Index du Corpus Hermeticum*. Roma: Edizioni dell'Ateneo e Bizzari, 1977. 359p. (Lessico Intellettuale Europeo, 13)

DODD, C.H. (Charles Harold). *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Reprinted Paperback Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 478p.

FESTUGIÈRE, A. J, Hermetica: Le Baptême dans le Cratère C.H., IV, 3-4. *The Harvard Theological Review*, Cambridge (MA): Published by Cambridge University Press on behalf of the Harvard Divinity School, v. 31, issue n. 1, Jan. 1938, p. 1-20

FOBES, Francis H. *Philosophical Greek: An Introduction*. Chicago: The University of Chicago Press, 1959. 321p.

FOWDEN, Garth. *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to Late Pagan Mind*. Princeton: Princeton University Press, 1993. 244p.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

FREIRE, Antônio, S.J. *Gramática grega*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 289p.

GRANT, Robert M. Nock, Arthur Darby. In: JONES, L. (Ed.). *Encyclopedia of Religion*. 2. ed. Detroit: Macmillan Reference, 2005. (Vol. 10, p. 6643-4)

GRESE, William C. *Corpus Hermeticum XIII and Early Christian Literature*. Leiden: Brill Archive, 1979. 228p.

HERMETICA: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus. Introductions, texts and translation edited and translation by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. (v. 1. 549p.)

HOMERO. *Iliada*: de Homero. Trad. de Haroldo de Campos. Introdução e organização por Trajano Vieira. 5. ed. São Paulo: Arx, 2008. (2 Vol.)

JAY, Eric G. *New Testament Greek: An Introductory Grammar*. 14. impr. London: SPCK (Society for Promoting Christian Knowledge), 1994 (1958 e corr. em 1987). 350p.

MIRANDA POZA, José Alberto. *Apontamentos de linguística histórica: ensaios de filologia românica e filologia clássica*. Recife: UFPE, 2019. 216p.

MORWOOD, James; TAYLOR, John (Eds.). *Pocket Oxford Classical Greek Dictionary*. Great-Bretain: Oxford University Press, 2002. xii, 449p.

NILSSON, Martin P. Krater. *The Harvard Theological Review*. Cambridge (MA): Published by Cambridge University Press on behalf of the Harvard Divinity School, v. 51, n. 2, Apr. 1958. p. 53-8

NOCK, Arthur Darby; FESTUGIÈRE, André-Jean. *Apparat Critique*. In: TRISMÉGISTE, T. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. (t. 1 e 2)

NOCK, Arthur Darby; FESTUGIÈRE, André-Jean. *Préface et Introduction*. In: TRISMÉGISTE, H. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. (t. 1 e 2, p. I-LIII, 259-95)

PERFEITO, Abílio Alves. *Gramática de grego*. 7. ed. Porto: Porto, 1997. 167p.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PLATO. *Lysis, Symposium, Gorgias*. Edited by W.R.M. Lamb. Cambridge (MA); London: Harvard University Press, 1925. v. 3. 536p. (Loeb Classical Library).

REITZENSTEIN, Richard. *Poimandres: Studien zur Griechisch-Ägyptischen und frühchristlichen Literatur*. Unveränderter anastatischer nachdruck. Leipzig: B.G. Teubner, 1922. 382p.

ROSSETTI, Livio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filológicas e outras “ferramentas de trabalho”*. São Paulo: Paulus, 2006. 440p.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003. 540p.

SCOTT, Walter. Introduction. In: HERMETICA: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus. Introductions, texts and translation edited and translation by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. (v. 1. p. 1-111)

SCOTT, Walter. Notes on the *Corpus Hermeticum*. In: HERMETICA: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus. Volume II: Notes on the Corpus Hermeticum by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 2. p. 1-482

SILVA, José Pereira da. O Método em Filologia. *Revista Philologus*, ano 17, n. 50, p. 91-112, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set.-dez. 2011.

SOULEN, Richard N. *Handbook of Biblical criticism*. 2nd ed. Atlanta: John Knox Press, 1981. 239p.

TAYLOR, William Carey. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Batista Regular, 2001. 442p. (Esta edição é uma reprodução da 9ª edição publicada em 1990 pela Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP)).

VAN DEN BROEK, Roelof. Hermetic Literature I: Antiquity. In: HANEGRAAFF, W.J. (Ed.). *Dictionary Of Gnosis and Western Esotericism*. Leiden; Boston: Brill, 2006. p. 487-48

VAN DEN KERCHOVE, Anna. *La voie d'Hermès: Pratiques rituelles et traités hermétiques*. Leiden; Boston: Brill Academic Pub, 2012. 440p.

WEST, Martin L. *Textual Criticism and Editorial Technique: applicable to Greek and Latin texts*. Stuttgart: B. G. Teubner, 1973. 155p.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

XENOPHON. *Hellenica*: books 1-5. With an English translation by Carleton L. Brownson. Cambridge (MA) Harvard University Press; London: William Heinemann, 1961. (v. 1. 493p.) (Loeb Classical Library).